

APÊNDICE A – APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL



Informações sobre essa obra

Sousa, Fabiano Monteles

CIRCUITO FORMATIVO PEDAGÓGICO: problematizando conceitos em Educação Inclusiva. / Fabiano Monteles Sousa. – São Luís, 2024.

30 f.

Produto Educacional - Ebook (Mestrado Profissional em Educação Inclusiva) - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Jackson Ronie Sá-Silva.

1. Circuito Formativo Pedagógico. 2. In/exclusão. 3. Diferença. 4. Diversidade. 5. Alteridade. I. Título.

CDU: 376.091



- Atribuição — Você deve dar os devidos créditos, fornecer um link para a licença e indicar se foram feitas alterações.
- Você pode fazê-lo de qualquer maneira razoável, mas não de forma que sugira que o licenciante endossa você ou seu uso.
- NonCommercial — Você não pode usar o material para fins comerciais.
- ShareAlike — Se você remixar, transformar ou construir sobre o material, você deve distribuir suas contribuições sob a mesma licença do original.

Sumário

Apresentação.....	3
Como utilizar esse material.....	4
1. Pistas de um circuito formativo pedagógico.....	5
2. In/exclusão: duas faces da mesma moeda.....	11
3. Peraltagens pedagógicas: diferença, diversidade e alteridade.....	19
REFERÊNCIAS.....	28



Apresentação

Esse *E-book* é parte integrante da dissertação intitulada: *In/exclusão, Diversidade, Diferença e Alteridade: Contribuições de Maura Corcini Lopes para a Educação Inclusiva*, sob a orientação do Prof. Dr. Jackson Ronie Sá-Silva.

Foi inicialmente apresentado como um protótipo, elaborado a partir da proposta de escopo desenvolvido na disciplina de Design Educacional: Conceitos e estratégias para o desenvolvimento de cursos e recursos educacionais do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – PROFEI, sob a orientação dos professores/as:

Profa. Dra. Paula Carolei

Profa. Dra. Valéria Sperduti Lima

Profa. Dra. Cícera A. Lima Malheiro

Prof. Dr. Leandro Key Higuchi Yanaze

Prof. Dr. Luciano Gamez

Trata-se de uma proposta pedagógica de um percurso formativo a ser vivenciado com professores/as da Educação Básica. A proposta de percurso formativo segue as pistas indicadas pela professora e pesquisadora Maura Corcini Lopes ao propor o Circuito Formativo Pedagógico, onde será possível a problematização dos conceitos de inclusão, diversidade, diferença e alteridade por esses/as professores/as no contexto de uma Educação Inclusiva.

É importante destacar que essa proposta pedagógica não tem a finalidade de dar conceitos definitivos, mas de instigar os/as professores/as a pensar a partir de outras lentes de modo a problematizar o modo como esses conceitos tem sido utilizados no cotidiano escolar. Vale destacar, que essa proposta pedagógica pode ser inspiração para formação de professores/as de outras unidades de ensino do país.

Como utilizar esse material

Esse *E-book* está organizado em três seções:

Na primeira seção, *Pistas de um Circuito Formativo Pedagógico*, apresentamos elementos de um Circuito Formativo Pedagógico, trazemos informações sobre a professora e pesquisadora Maura Corcini Lopes e sugestões para esse percurso formativo na escola.

Na segunda seção, *In/Exclusão: duas faces da mesma moeda*, a ser trabalhada com os/as professores/as no Circuito Formativo Pedagógico, de modo a problematizar os conceitos de inclusão que circulam no cotidiano escolar e instigando a pensarmos o conceito de in/exclusão.

Na terceira seção, *Peraltagens pedagógicas: diferença, diversidade e alteridade*, convidamos professores/as a realizarmos peraltagens com esses conceitos de modo a problematizá-los a partir de poesias, músicas, filmes e séries, em diálogo com a professora Maura Corcini Lopes.

Esse material poderá ser utilizado em escolas na formação de professores/as numa perspectiva crítica, democrática e cidadã. Vale ressaltar que apresentamos um caminho possível, mas reconhecemos que esse não é o único caminho. Portanto, lembre-se de aproximar o material da realidade específica da escola onde o processo formativo ocorrerá.

1. Pistas de um Circuito Formativo Pedagógico



Nessa primeira seção, apresentaremos pistas para constituição de um Circuito Formativo Pedagógico, informações sobre a professora e pesquisadora Maura Corcini Lopes e sugestões para esse percurso formativo na escola.



Pistas de um Circuito Formativo Pedagógico

Caros professores/as vocês certamente já escutaram bastante a palavra formação quando se trata do exercício de sua profissão. Entretanto, cabe aqui questionar: O que vocês entendem como formação? É possível pensar a formação docente de outros modos? Qual o lugar que a escola tem na formação de professores/as? Essas são algumas questões que abrimos para introduzir o nosso diálogo sobre Circuito Formativo Pedagógico.



Para pensarmos um pouco mais...

Claúdio Dalbosco desenvolve a ideia de que a tarefa da filosofia é pensar a **escola como experimento formativo**. Trazendo de volta ao campo educacional a contribuição da filosofia. E assim, provoca-nos:

Para poder executá-la, a filosofia precisa desvencilhar-se criticamente de pressuposições metafísicas e de pensar em um horizonte pós-humano, sem abrir mão, obviamente, de sua postura originária de provocar nos seres humanos o espanto diante de si mesmos e do mundo (Dalbosco, 2020, p. 20).

Essa perspectiva do autor é muito importante para nós, professores e professoras, para pensarmos: Ainda estamos nos espantando diante do cotidiano escolar? Ainda estamos produzindo questões a partir das inquietações que a nossa práxis provoca em nós?

É nessa perspectiva que discutiremos algumas pistas do Circuito Formativo Pedagógico por percebermos que esta pode ser uma possibilidade, mas não a única, de produzir espanto, questões, problematizações diante do cotidiano escolar. Vale ressaltar, que não é o nosso interesse apresentar o Circuito Formativo Pedagógico como a solução para a formação de professores/as, mas inscrevê-lo como uma possibilidade do presente para tal.



Pistas de um Circuito Formativo Pedagógico

A partir do trabalho de pesquisa com professores/as dentro das escolas, a professora Maura Corcini Lopes (2019) destaca que para aqueles que trabalharam em grupo, alguns elementos foram realçados:

- A produtividade de escutar os colegas;
- A condução pelo diálogo a perceberem suas dificuldades, as inúmeras repetições necessárias de práticas cotidianas;
- Possibilidades de emergência de algo diferenciado e novo a partir desses momentos.

Essas são pistas que consideramos necessárias para pensarmos essa proposta: **escuta, diálogo-problematizador e emergência de algo diferenciado e novo.**

Para a pesquisadora, a repetição das práticas mantém relação com formas de subjetivação tanto dos/as alunos/as quanto dos docentes, que aprendem a registrar e sistematizar o que pensam e aquilo que fazem junto as classes. A essa repetição, a autora denomina de **ritornelo pedagógico**, que ao lado do **compartilhamento de experiências** possibilitam parte importante do circuito formativo pedagógico (Lopes, 2019).

Qual é o objetivo de um Circuito Formativo Pedagógico?

Tornar as experiências e os saberes docentes passíveis de serem desnaturalizados, discutidos, sistematizados e registrados para que possam ser passados adiante para os colegas (Lopes, 2019)



Pistas de um Circuito Formativo Pedagógico

Mas, afinal, quem propôs e o que podemos nomear de um Circuito Formativo Pedagógico?

A proposta do Circuito Formativo Pedagógico foi realizada pela **professora e pesquisadora Maura Corcini Lopes**. Que tal conhecer um pouco dessa professora que nos instiga tanto em seus textos provocativos, com suas falas que produzem efeitos em nós e que nos fazem problematizar o presente? Faça a leitura do QR-Code com o seu aparelho celular.



Esses são alguns atravessamentos da professora Maura Corcini Lopes que nos mobilizam a conhecer as suas produções e realizar esse percurso ao lado dela (Lopes, 2023):

- Diretora da Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS);
- Professora da Pós-Graduação em Educação da UNISINOS, onde orienta mestrado e doutorado na Linha de Pesquisa Educação, Desigualdades e Inclusão;
- Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão (GEPI/UNISINOS/CNPq);
- Pesquisadora colaboradora do Grupo Interinstitucional em Educação de Surdos (GIPES/UFRGS/CNPq);
- Coordenadora da Rede de Investigação em Inclusão, Aprendizagem e Tecnologias em Educação (RIIATE) e da Red de Investigacion Pensamiento Classico e Contemporaneo em Educación (RIEPCO).



Pistas de um Circuito Formativo Pedagógico

Você, professor ou professora, pode estar pensando: Como um circuito que implica compartilhamento de experiências e repetição pode produzir algo diferenciado e novo? Para pensarmos essa questão, é necessário acompanhar a ideia de circuito apresentada por Maura Corcini Lopes. Para a autora, trata-se de

um roteiro criado para desnaturalizar, problematizar e sistematizar um conjunto de práticas repetitivas, criativas e artesanais, desenvolvidas pelo professor em coautoria com os alunos, seguindo uma dada sequência de ações condutivas para um ideal posto de chegada (Lopes, 2019, p. 29)

As palavras destacadas também são pistas que nos indicam que esse circuito formativo pedagógico é um convite a desnaturalização, a problematização e ao estímulo ao desenvolvimento da autoria pelo professor/a. A autora propõe o desenvolvimento de práticas pelo professor/a em coautoria com os/as alunos/as, mas considerando a proposta de formação docente nesse momento, propomos essa coautoria com os pares.

A ideia de circuito e do ritornelo pedagógico embora evoquem a ideia de circularidade e repetição, jamais se retorna ao mesmo. Uma vez que provoca a consciência, não no sentido de consciência de algo que estava oculto ou de forma inconsciente, mas de alguma coisa revisitada como problema a ser vivido e pensado e também a problematização destas revisitações das experiências promove mudanças (Lopes, 2019).



Pistas de um Circuito Formativo Pedagógico

Para a professora Maura Corcini Lopes, a transformação de experiências pedagógicas em conhecimentos passíveis de serem registrados e dados a conhecer, é possível através desse movimento de revisitação das práticas que implicam retornar ao campo onde estas são significadas e são estes significados atribuídos que interessam para que um circuito formativo pedagógico possa ser instaurado (Lopes, 2019).

Acrescenta ainda a autora que

Investir na formação continuada do professor, fazendo-o pensar sobre suas práticas ritornélicas e sobre os crivos que a delimitam, pode ser uma forma de reposicionar os docentes no tenso jogo das enunciações válidas no campo da educação e da pedagogia. Partir da valorização da experiência pedagógica e dos saberes derivados dessa experiência para fazer perceber os conhecimentos que podem, em parte, explicar tais práticas, bem como os valores e os princípios que as orientam, pode ser um caminho a ser trilhado pela formação de professores na escola (Lopes, 2019, p. 30).

SUGESTÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DOS TEMAS PROPOSTOS PARA O CIRCUITO PEDAGÓGICO FORMATIVO

Esses diálogos podem começar a partir de questões, trechos de filmes, vídeos ou textos que convidem os/as professores/as a falarem das suas experiências relacionando-as o tema ser discutido.

A partir desse diálogo inicial, ir aos textos para que possam também dar subsídios as discussões sobre o tema. Propor uma atividade colaborativa entre os/as professores/as de modo que possam estimular a colaboração e a autoria entre eles, possibilitando-os registrar os efeitos das discussões realizadas para a formação deles.

Sugerir os artigos, livros e vídeos possam ser consultados para aprofundamento dos temas no intervalo entre os encontros que ocorrerão mensalmente.

Para avaliação de cada encontro será proposto que os/as professores/as compartilhem o que foi possível pensar de diferenciado e novo a partir das atividades desenvolvidas.

2. In/exclusão: duas faces da mesma moeda



Nessa segunda seção, dialogaremos sobre In/exclusão: duas faces da mesma moeda com os/as professores/as no Circuito Formativo Pedagógico, de modo a problematizar os conceitos de inclusão que circulam no cotidiano escolar e instigando a pensarmos o conceito de in/exclusão.



In/exclusão: duas faces da mesma moeda

Professores/professoras, sejam bem-vindos/as ao nosso percurso! Para começarmos a refletir sobre o tema, realizaremos **uma roda de conversa**. Gostaríamos que vocês compartilhassem conosco experiências vividas na escola que estão relacionadas a inclusão.

Para pensarmos um pouco mais...



A partir das experiências relacionadas, trazemos as questões levantadas por Lopes e Fabris (2013, p. 2) como balizas para abordar o tema da inclusão:

Que é inclusão? Quando podemos dizer que estamos incluídos? Quais os limites da inclusão e da exclusão? O que distingue a inclusão, da reclusão, da integração e da reinserção social? Desde quando a palavra inclusão passou a ser articulada à educação no Brasil? O que significa entender a inclusão como um imperativo de Estado? Por que falar de inclusão e de exclusão como duas palavras não é mais suficiente para a leitura e a problematização do vivido no presente? In/exclusão seria uma proposta conceitual que permite ler o caráter subjetivo das relações vividas em nosso tempo? Por que é fundamental submeter a noção de inclusão a uma crítica radical? O que caracteriza a inclusão pelo viés da educação especial e pelo viés da educação inclusiva?

Com essas questões intencionamos fazer pensar os fatos narrados por nós, professores/as, de modo a desnaturalizar elementos que por vezes não são mais problematizados por nós quando abordamos o tema.



In/exclusão: duas faces da mesma moeda

Aqui vale a ressalva cuidadosa realizada por Lopes e Fabris (2013) não se trata de ser contra a inclusão, nem ignorar ou subestimar os movimentos pró-inclusão, mas de problematizar as condições de sua emergência, as práticas discursivas que determinam verdades sobre a inclusão e também de distanciarmos de investidas salvacionistas que determinam muitos discursos que constituem o campo da educação, os temas e os sujeitos produzidos nesse campo.

Aproveitamos para acrescentar que ao problematizarmos esses conceitos não temos a intenção de estabelecer um sentido único e definitivo, mas produzir o espanto, produzir interrogações a partir do cotidiano de nossas práticas de modo a olhar para elas a partir de outros lugares.

As palavras inclusão e exclusão circulam em nossa sociedade, nas escolas, está presente em nossos discursos no cotidiano, de tal modo que em muitas circunstâncias não mais interrogamos esses conceitos, aceitando-os como verdades do nosso tempo.

As autoras Corrêa e Lockmann (2020) destacam o perigo da banalização do discurso, quando aceitamos as verdades que eles nos transmitem sem pensar, problematizar e/ou questionar, pois os discursos tornam-se cada vez mais familiares, sendo percebidos como algo natural e assumindo aos poucos o caráter de verdade absoluta e por isso, inquestionável.

Será possível a partir das falas trazidas por vocês, produzirmos o estranhamento, o espanto, o não-familiar? Esse é o nosso convite, a cada professor/a que aceitou estar conosco nessa viagem.

Para tal reflexão convidaremos alguns autores para nos auxiliarem nessa jornada, principalmente a professora e pesquisadora Maura Corcini Lopes que a partir das contribuições de Michel Foucault para pensar a educação trazem elementos importantes para problematização dos conceitos de inclusão.

Para mais informações sobre Michel Foucault e Educação, acesse o QR-Code e terá acesso a diversas informações





In/exclusão: duas faces da mesma moeda

Inclusão como prática de governamentalidade

Você professor/a já ouvir falar em governamentalidade? De acordo com Lopes e Fabris (2013) esse conceito foi proposto por Veiga-Neto e refere-se ao conjunto de ações de governo somadas às ações de subjetivação. Dito de outro modo, Lopes (2011a, p.107) *“a educação, no seu sentido mais amplo, passa a ser uma condição para que pessoas possam operar com a lógica da inclusão em todas as suas ações”*.

Como pensarmos a inclusão em um contexto atravessado pelo Neoliberalismo? Essa discussão é de capital importância para nós, professores/as, de modo que possamos pensar as diversas práticas e discursos relacionados à inclusão que circulam no âmbito educacional.

Lopes (2011a, p. 109) destaca que *“todos estamos, de uma maneira, sendo conduzidos por determinadas práticas e regras implícitas que nos levam a entrar e a permanecer no jogo econômico do neoliberalismo”*. A autora destaca que existem duas grandes regras que operam nesse jogo neoliberal: manter-se sempre em atividade e todos devem estar incluídos, mas em diferentes níveis de participação, nas relações estabelecidas entre Estado/população, públicos/comunidades e mercado.

Considerando as observações de Lopes e Rech (2013) estamos situados em um Estado democrático e capitalista que tem sujeitos legalmente considerados iguais, mas que parte de modo individual de condições desiguais de concorrência e competição. Acrescentam as autoras que concorrência, competição, individualismo e ampla circulação são marcadores de uma racionalidade política neoliberal, que reinventa-se através de estratégias de governo da população, considerada ao mesmo tempo, parceira e alvo das ações de Estado e de mercado.

Professor/a, aqui o nosso desafio é perceber que estamos inseridos nesse contexto neoliberal, com políticas educacionais voltadas para educação inclusiva, estatísticas, discursos e práticas voltadas à inclusão. A questão central é nos indagarmos: Como podemos ler o que temos visto no cotidiano escolar em relação à inclusão? É possível fazer outras leituras?



In/exclusão: duas faces da mesma moeda

Algumas considerações sobre inclusão e exclusão

Veiga-Neto e Lopes (2007, p. 958) apontam que *[...] as instituições que garantem o acesso e o atendimento a todos são, por princípio, incluídas, mesmo que no decurso dos processos de comparação e classificação, elas venham a manter alguns desses “todos” (ou muitos deles...) em situação de exclusão. Isso significa que o mesmo espaço considerado de inclusão pode ser considerado de exclusão. Conclui-se que a igualdade de acesso não garante a inclusão e, na mesma medida, não afasta a sombra da exclusão.*

Saraiva e Lopes (2011) apontam que a exclusão parece ser a marca de um tempo cada vez mais em crise e a inclusão, a marca contemporânea da promessa, pensada por muitos, de uma vida idealizada/inclusiva. As autoras apontam que na tensão dessas duas faces, a exclusão se constitui como ameaça a vida de qualquer um. Entretanto, chamam a nossa atenção para o enfraquecimento e a banalização política dessas expressões devido aos seus usos cada vez mais amplos e variados dos contextos onde são articulados.

Para Lopes (2011a) atribuir a exclusão vinculados a ideia de privação da população de direitos conquistados enfraquece a questão e a obscurece politicamente, uma vez que lógicas diferentes estão em circulação e estas são nomeadas como “exclusão”.

A autora busca a contribuição de Castel (2007) que enfatiza que a lógica da exclusão acontece por discriminações oficiais e a lógica da marginalização, de precariedade, de expurgação ocorre por desestabilizações por marginalização, por degradação das condições de trabalho e sociabilidade.

Dito de outro modo, de forma mais radical “excluído” refere-se aqueles que não são capturados pelo sistema e serviços do Estado, embora estejam capturados pela governamentalidade do Estado. Por essa captura, não causam problemas, não geram ruídos, não perturbam a ordem estabelecida para a população e por isso estão invisíveis, embora possam ser vistos nas ruas (Lopes, 2011a).



In/exclusão: duas faces da mesma moeda

In/exclusão: que conceito é esse?

De acordo com Lopes e Fabris (2013) in/exclusão surge para mostrar que embora muitos estejam incluídos nas estatísticas e em alguns espaços físicos, uma considerável quantidade de indivíduos ainda sofre com práticas de inclusão excludentes. Vale acrescentar que a autora destaca que esse conceito é como o Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão (GEPI/UNISINOS) denomina essas situações.

Acrescenta ainda que o “in” é possível ler a integração (tanto no sentido epistemológico quanto no sentido dado ao termo pelas políticas de Estado) e a inclusão (em seu sentido epistemológico e no sentido relacional), de modo que para as autoras no final do século XX e no decorrer do século XXI, evidencia que estamos num cenário de in/exclusão (Lopes; Fabris, 2013).

As autoras Lopes e Fabris (2013) consideram que o conceito de in/exclusão é uma boa alternativa para continuidade das lutas políticas e as pesquisas no campo da educação e das ciências sociais. Por isso, a opção das autoras, junto com os pesquisadores do GEPI, pelo uso do termo in/exclusão por entender inclusão e exclusão como faces de uma mesma moeda, que ao mesmo tempo marcam o nosso tempo, construído dentro de uma grade de inteligibilidade neoliberal. E você, professor/a, consegue visualizar na escola práticas de in/exclusão?

Atividade proposta



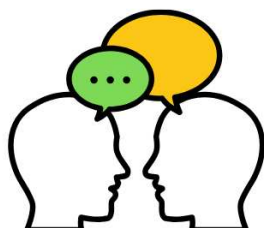
Elabore uma carta pedagógica aos demais professores/as contando-lhes sobre o que as discussões possibilitaram a você em relação ao conceito de inclusão.

Para facilitar o compartilhamento, essas cartas serão postadas no padlet e poderão utilizar texto escrito, áudio ou vídeo. Para acessar o mural, leia o QR-Code abaixo.

Dúvidas sobre como fazer sua postagem no Padlet? Clique no ícone abaixo



Avaliação do encontro



Elaboração de uma nuvem de palavras que represente o que foi o encontro formativo para cada professor/a e posteriormente diálogo sobre a nuvem coletiva de palavras.

Essa nuvem de palavras será criada utilizando o Mentimeter. Para acessar participar, acesse pelo QR-Code abaixo e adicione até duas palavras.



Ampliando os horizontes: materiais complementares



Vídeo

"Educação Básica: processos de inclusão/exclusão"
da professora e pesquisadora Maura Corcini Lopes na
Conferência do VI Seminário Nacional de Educação
Especial e XVI Seminário Capixaba de Educação Inclusiva
ocorrido em 27 de Outubro de 2020



Livros

1. **Inclusão & Educação** - Maura Corcini Lopes e Elli Henn Fabris - Editora Autêntica (2013)
2. **Inclusão escolar**: conjunto de práticas que governam - Maura Corcini Lopes e Morgana Domênica Hattge (Orgs.) - Autêntica Editora (2011)

Artigos Científicos

Inclusão, exclusão, in/exclusão - Alfredo Veiga-Neto e Maura Corcini Lopes (2011)

<https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/14886>



Políticas de inclusão e governamentalidade - Maura Corcini Lopes (2009)

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/8297/5536>

Inclusão, biopolítica e educação- Maura Corcini Lopes e Tatiana Luiza Rech (2013)

<http://educa.fcc.org.br/pdf/reveduc/v36n02/v36n02a09.pdf>

3. Peraltagens pedagógicas: diferença, diversidade e alteridade



Nessa terceira seção, dialogaremos sobre Diferença, Diversidade e Alteridade em Educação a partir do convite de Manoel de Barros a produzir peraltagens, aqui nomeadas de peraltagens pedagógicas e do pensamento da professora e pesquisadora Maura Corcini Lopes.



Peraltagens pedagógicas: diferença, diversidade e alteridade

Estimado/a professor/a, estamos iniciando mais uma etapa do nosso percurso formativo e abordaremos o tema Diferença, Diversidade e Alteridade em Educação. Nossa intencionalidade é possibilitar o diálogo em relação a esse tema de modo que possamos problematizar esses conceitos em nossa experiência docente e assim, ensaiar novos movimentos.

Como já apresentamos anteriormente, estamos trazendo para esse percurso formativo as ideias apresentadas e desenvolvidas pela professora e pesquisadora Maura Corcini Lopes para nos acompanhar nessa travessia.

Agora, convido você, professor/a, a entrar em contato com a poesia de Manoel de Barros, a partir de alguns fragmentos de Manoel por Manoel na Antologia *Meu quintal é maior que o mundo*.

Eu tenho um ermo dentro do olho. Por motivo de ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem, eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. [...]

(Barros, 2015a, posição 170-177).

Como você, professor/a, experiencia essa poesia? Como ela o afeta? O que podemos pensar a partir dela e com ela?



Peraltagens pedagógicas: diferença, diversidade e alteridade

A leitura desse fragmento de poesia, leva-nos às memórias da nossa infância, esse tempo de inventividades, de liberdade criativa e nesse momento de formação docente nos convida não apenas a rememorá-las, mas a pensar: Como trazer para formação docente essas inventividades e liberdade, de modo a saborearmos essa experiência formativa?

O convite de Manoel de Barros é vivo: É preciso fazer peraltagens! Posso dizer que nós, professores/as, somos convidados a fazer peraltagens pedagógicas.

A nossa peraltagem de hoje será olhar para os conceitos de diversidade, diferença e alteridade como quem lê uma poesia, que permite múltiplos olhares e cada um é tocado de um modo muito particular, sem comparamentos, como nos diz Manoel de Barros. Sugerimos os fragmentos da poesia da primeira parte item II do *Menino do Mato* de Manoel de Barros para pensarmos as nossas peraltagens.

[...] Mas o pai apoiava a nossa maneira de desver o mundo que era
a nossa maneira de sair do enfado.

A gente não gostava de explicar as imagens porque explicar afasta
as falas da imaginação. [...]

A gente gostava bem das vadiações com as palavras do que das
prisões gramaticais. [...]

A gente gostava das palavras quando elas perturbavam os sentidos
normais da fala. Esses meninos faziam parte do arrebol como os
passarinhos.

(Barros, 2015b, posição 130-161)

Professor/a, o que essa poesia provoca em suas ideias? Que peraltagens podemos pensar a partir dessa poesia-provocação?



Peraltagens pedagógicas: diferença, diversidade e alteridade

A professora e pesquisadora Maura Corcini Lopes afirma que os conceitos de diferença, diversidade e identidade são importantes para olharmos com desconfiância para a metanarrativa da inclusão escolar (Lopes, 2007). Esse posicionamento, convida-nos a problematização desses conceitos e podemos aproximar do convite de Manoel de Barros: desver o mundo, perturbar os sentidos.

Lopes (2007) destaca que o conceito de diferença geralmente é traduzido como diversidade e identidade. Entretanto, posiciona-se assim:

[...] proponho e filio-me à compreensão do conceito de diferença sem possibilidade de tradução. Entender a diferença dessa forma não permite que ela seja enquadrada em categorias ou traduzida em outros diagnósticos. Ela não pode ser enquadrada, nomeada ou capturada nas malhas do poder. A diferença, assim entendida, se dá na presença de cada um de nós. Ela altera a serenidade ou a tranquilidade daqueles que buscam se localizar na mesmidade (Lopes, 2007, p. 23). Em relação a diferença e diversidade, trazemos uma consideração importante para nossa problematização:

Diversidade é o que marca o corpo, é o que pode ser quantificado em censos demográficos, pois são condições visíveis no corpo e na vida da população. A diversidade, devido à sua visibilidade e possibilidade de ser nomeada, pode ser desdobrada em políticas de inclusão. A diferença é aquela que pode ser sentida, experienciada e até entendida, mas não nomeada, visibilizada ou falada. Não há palavras que deem conta da diferença, portanto não há possibilidade de a diferença ser garantida pelas políticas. Assim, quando falamos de políticas de inclusão, estamos falando em políticas de Estado que se mobilizam para corrigir problemas detectados na população (Lopes; Menezes; Graff, 2023, p. 238).

Veiga-Neto e Lopes (2007) afirmam que as políticas de inclusão ao tratarem diferença como diversidade, parecem ignorar a diferença. E dentre as consequências disso, destacam: a defesa da inclusão do diferente, considerando-o como um exótico que apresenta algo que os outros não possuem, acentuando as noções de normalidade e anormalidade, contribuindo paradoxalmente para uma inclusão excludente.



Peraltagens pedagógicas: diferença, diversidade e alteridade

Quando dialogamos sobre diferença e diversidade, também podemos trazer para discussão a alteridade. Quem é esse outro? Como esse outro é constituído? Que discursos estão constituindo esse outro?

Para Lopes (2007, p. 23)

Ser diferente é sentir diferente, é olhar diferente, é significar as distintas manifestações existentes dentro da cultura, é não ser o mesmo que o outro. Como sujeitos, vivemos em sociedade, somos produzidos nas e pelas relações. É nas relações que nos constituímos e inventamos o outro. O outro aquele que pensa diferente de mim – é produzido a partir daquilo que falamos sobre ele. O que falo, o nome dos outros e os enquadramentos que ocupam são formas de identificação que eles carregam – são identidades.

Essa perspectiva de que é nas relações que constituímos e inventamos o outro, a partir do que falamos sobre ele, possibilita-nos olhar para o modo como narramos o outro com suspeita, o que abre possibilidades de outros olhares e outras possibilidades.

Lopes (2008) a partir da análise de pareceres pedagógicos e de entrevista com professores/as, apresenta como eles/as posicionam os alunos nomeados com dificuldade de aprendizagem. De tal modo que quando falamos ou escrevemos sobre esse outro, posicionamos esses sujeitos e consequentemente, inventamos o/a aluno/a do qual falamos.

É importante destacar que esse saber pedagógico é atravessado por saberes biológicos, psicológicos e psiquiátricos (Lopes, 2008), que estão presentes no modo como narramos o outro.

De acordo com Lopes (2008, p.112)

No caso de tipos específicos de pessoas, não há apenas diagnósticos que classificam e nomeiam, há também as próprias pessoas classificadas, os especialistas que produzem saberes e os utilizam para fazer as classificações, as instituições que colocam em circulação e que detectam sintomas facilmente enquadáveis em algumas classificações, etc.



Peraltagens pedagógicas: diferença, diversidade e alteridade

Há um corpo vivo de conhecimentos em movimento sobre as pessoas de quem se quer falar. Portanto, pessoas são inventadas por meio de classificações, outras pessoas, instituições, especialistas, conhecimentos, médias e estatísticas. Nesse arcabouço de entrecruzamentos, aspectos interagem na construção.

Lopes (2008, p. 111) apresenta a centralidade da cultura e a constituição do sujeito assim:

Entender os acontecimentos escolares a partir da concepção da centralidade da cultura e a constituição do sujeito por distintas tramas discursivas permite que possamos desconfiar de nós mesmos quando narramos e avaliamos o outro.

Um exemplo que é apresentado pela professora Maura Corcini Lopes é em relação a surdez, quando afirma que:

A surdez é uma grande invenção. Não estou me referindo aqui à surdez como materialidade inscrita em um corpo, mas à surdez como construção de um olhar sobre aquele que não ouve. Para além da materialidade do corpo, construímos culturalmente a surdez dentro de distintas narrativas associadas e produzidas no interior (mas não fechadas em si mesmas) de campos discursivos distintos clínicos, linguísticos, religiosos, educacionais, jurídicos, filosóficos etc. (Lopes, 2011b, p. 2). Esse aspecto da construção de um olhar é importante, pois quando narramos o outro, somos atravessados por esses campos discursivos, que nem sempre percebemos, mas estão ali contribuindo no modo de narrar o outro. Então, com essas contribuições temos a possibilidade de questionar as certezas, as verdades, constituídas sobre o outro, percebendo o seu caráter de invenção de um tempo, atravessado por múltiplos discursos.

Agora, professor/a, que você pode ler um pouco sobre o tema que estamos dialogando, convido você a produzir peraltagens a partir das propostas de atividades formativas do encontro de hoje.



Atividade proposta 1: Diferença e diversidade na escola

Sugerimos a formação de equipes e a utilização das músicas: *Normal é ser diferente* de Jair Oliveira e *Ser diferente é normal* de Gilberto Gil.

Propomos as seguintes questões como ponto de partida dos diálogos:

Como cada música apresenta diferença e diversidade? Como podemos perturbar esses sentidos?

Normal é Ser Diferente - Jair Oliveira

Tão legal, ó minha gente!
Perceber que é mais feliz quem compreende
Que a amizade não vê cor, nem continente
E o normal está nas coisas diferentes

Amigo tem de toda cor, de toda raça
Toda crença, toda graça
Amigo é de qualquer lugar
Tem gente alta, baixa, gorda, magra
Mas o que me agrada é
Que o amigo a gente acolhe sem pensar

Pode ser igualzinho à gente
Ou muito diferente
Todos tem o que aprender e o que ensinar
Seja careca ou cabeludo
Ou mesmo de outro mundo!
Todo mundo tem direito de viver e sonhar

Você não é igual a mim
E eu não sou igual a você
Mas nada disso importa
Pois a gente se gosta
E é sempre assim que deve ser



Pistas para os diálogos

Exaltação da diferença e diversidade
Apelo moral: influência judaico-cristã
Naturalização da diferença
Diferença no campo do exótico
Diferença no campo da normalidade
Apagamento da diferença
Apelo a igualdade



Ser diferente é normal - Gilberto Gil

Todo mundo tem seu jeito singular
De ser feliz, de viver e de enxergar
Se os olhos são maiores ou são orientais
E daí? Que diferença faz?

Todo mundo tem que ser especial
Em oportunidades, em direitos, coisa e tal
Seja branco, preto, verde, azul ou lilás
E daí? Que diferença faz?

Já pensou, tudo sempre igual?
Ser mais do mesmo o tempo todo não é tão legal
Já pensou, sempre tão igual?
Tá na hora de ir em frente
Ser diferente é normal!

Sha-na-na
Ser diferente é normal!
Sha-na-na
Ser diferente é normal!
Sha-na-na
Ser diferente é normal!
Sha-na-na
Ser diferente é normal!

Todo mundo tem seu jeito singular
De crescer, aparecer e se manifestar
Se o peso na balança é de uns quilinhos a mais
E daí, que diferença faz?





Atividade proposta 2: Alteridade na escola

Sugerimos utilização da música: *Sampa* de Caetano Veloso para diálogo coletivo. **Como pensar alteridade a partir dessa música?**
Que relações podemos estabelecer com o que acontece em nossa prática docente?

Sampa - Caetano Veloso

Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
Da dura poesia concreta de tuas esquinas
Da deselegância discreta de tuas meninas
Ainda não havia para mim, Rita Lee
A tua mais completa tradução
Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João
Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes quando não somos Mutantes
E foste um difícil começo, afasto o que não conheço
E quem vem de outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso
Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas
Eu vejo surgir teus poetas de campos e espaços
Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva
Pan-Américas de Áfricas utópicas, tûmulo do samba
Mais possível novo Quilombo de Zumbi
E os Novos Baianos passeiam na tua garoa
E novos baianos te podem curtir numa boa

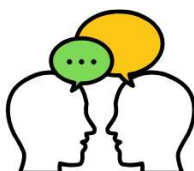


Pistas para os diálogos

Alteridade e os modos de narrar o outro
Posição de sujeitos e invenção do outro
Alteridade e as tramas discursivas



Avaliação do encontro

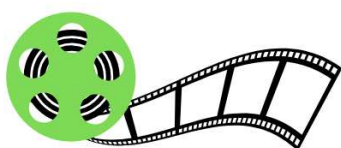


Cada professor/a é convidado/a a pensar em uma poesia, um trecho de música ou filme que o/a tenha afetado em algum momento e que possa compartilhar com os demais para falar como esse momento formativo o afetou.

Ampliando os horizontes: materiais complementares

Filmes/Séries

Filme: A Vila (2004)



Indicamos esse filme a partir do livro *Fundamentalismo & Educação* de Gallo e Veiga-Neto que organizaram esse livro com diversas discussões com entradas diferentes a partir desse filme. Além de temas como Fundamentalismo Pedagógico, encontramos discussões relacionadas a diferença, a (a)normalidade, diversidade e alteridade (Gallo;Veiga-Neto, 2009)

Confira a sinopse no QR-Code ao lado



Série: Manifest (2022)

Indicamos essa série por entender que o retorno dos passageiros do voo 828, sem que saibam que estavam desaparecidos, desencadeia uma série de possibilidades para pensar o modo como esses passageiros são narrados e sua alteridade é constituída. Além disso, discussões relacionadas aos discursos que constituem essa alteridade, tais como: científico e religioso. Além de permitir discutir temas como fundamentalismo religioso e diferença.

Confira a sinopse no QR-Code ao lado



Livros

1. **Surdez & Educação** - Maura Corcini Lopes (2011b)
2. **Fundamentalismo & Educação** - Silvio Gallo e Alfredo Veiga-Neto (2009)

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. de. Manoel por Manoel. In: BARROS, M. de. **Meu quintal é maior que o mundo** [recurso eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015a. posição. 170-177.
- BARROS, M. de. Menino do Mato. In: BARROS, M. de. **Menino do mato** [recurso eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015b. posição. 130-161.
- CASTEL, R. As armadilhas de exclusão. In: CASTEL, R; WANDERLEY, L. E; BELFIORE-WANDERLEY, M. **Desigualdade e a questão social**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2007. p.17-50.
- CORRÊA, C. B; LOCKMANN, K. Os discursos inclusivos e seus efeitos sobre o discente normal: estratégias de governo, **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n.3, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/54598/35185>. Acesso em: 15 de jul. 2023.
- DALBOSCO, C. A. A filosofia, a escola e o *experimentum* formativo: a *libertas* como cultivo da soberba inflamada. In: GALLO, S; MENDONÇA, S. (org.). **A escola**: uma questão pública. São Paulo: Parábola, 2020. cap.1, p. 20.
- GALLO, S.; VEIGA-NETO, A. (org.). **Fundamentalismo & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- LOPES, M. C. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 30 jul. 2023. Disponível em: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?sessionId=3827E2E50957F4840EB89715F767BCB6.buscatextual_0. Acesso em: 30 jul 2023.
- LOPES, M. C. Inclusão escolar, currículo, diferença e identidade. In: LOPES, M.C.; DAL'IGNA, M. C. (Org.). **In/exclusão**: nas tramas da escola. 1. ed. Canoas: Ed. Ulbra, 2007. p. 11-33.
- LOPES, M. C. In/exclusão escolar: a invenção de tipos específicos de alunos. **Revista Colombiana de Educación**, [S. l.], n. 54, p. 96-119, 2008. DOI:10.17227/01203916.54rce96.119. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4136/413635248006.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- LOPES, M. C. Políticas de inclusão e governamentalidade. **Educação&Realidade**, [S. l.], v. 34, n. 2, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/8297>. Acesso em: 15 set. 2023.
- LOPES, M. C. Inclusão como prática política de governamentalidade. LOPES, M. C; HATTGE, M. D. (org.). **Inclusão escolar**: conjunto de práticas que governam. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011a. p. 107-129.
- LOPES, M. C. **Surdez & Educação**. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011b.
- LOPES, M. C. Políticas de inclusão e governamentalidade. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 34, n. 2, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/8297>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- LOPES, M. C. Ritorno e circuito formativo pedagógico. LOPES, M. C; MORGENSTERN, J. M. (org.). **Inclusão e subjetivação**: ferramentas teórico-metodológicas. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.
- LOPES, M. C. **Educação Básica**: processos de inclusão/exclusão. Publicado pelo canal Fórum Permanente de Educação Inclusiva do ES. 1 vídeo youtube (1:36:18). 27 de out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IZRq4pEkJFY>. Acesso em: 10 set 2023.
- LOPES, M. C; FABRIS, E. H. **Inclusão & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

REFERÊNCIAS

LOPES, M.C.; HATTGE, M. D. (Org.). **Inclusão escolar**: conjunto de práticas que governam. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LOPES, M.C.; MENEZES, E. C. P.; GRAFF, P. Entrevista com a professora Maura Corcini Lopes: a produção do ser surdo na experiência da Educação. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Corumbá, v. 29, e0237, p.229-240, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbee/a/SQTgBHxyKW8QCqWxx9m5LCs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2023.

LOPES, M. C; RECH, T. L. Inclusão, biopolítica e educação. **Educação**, v.32, n. 2, p. 210-219, mai./ago. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/12942/9452>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SARAIVA, K; LOPES, M.C. Educação, inclusão e reclusão. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.1, p.14-33, jan./jun. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/268007992_EDUCACAO_INCLUSAO_E_RECLUSAO. Acesso em: 15 jul. 2023.

VEIGA-NETO, A. LOPES, M.C. Inclusão e governamentalidade. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 947-963, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/CdwxsTyRncJRf8nmrhYjsg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2023.

VEIGA-NETO, A.; LOPES, M. C. Inclusão, exclusão, in/exclusão. **Verve**, v. 20, p. 121-135, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verve/article/download/14886/11118/35805>. Acesso em: 10 ago. 2023.





Emitido em 07/02/2025

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 3203/2025 - DPARQ (11.14.68.07.05)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 07/02/2025 17:08)

CRISTIANE DE JESUS PEREIRA GASPAR

SECRETARIO III

866500

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sis.sig.uema.br/documentos/> informando seu número:
3203, ano: **2025**, tipo: **DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS**, data de emissão: **07/02/2025** e o código de
verificação: **428d56a34e**

